

## Coleção Vidas em cordel:

A coleção Vidas em Cordel, parte integrante da exposição de mesmo nome, é uma homenagem aos 30 anos do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida. Os depoimentos, transformados em versos por Jonas Samaúma, fazem parte de um acervo com mais de 18 mil histórias de vida. Para visitar o Museu da Pessoa e saber mais sobre esta e outras histórias, acesse [www.museudapessoa.org](http://www.museudapessoa.org) ou aponte seu celular para o Qrcode abaixo:



## GERMANO ARAÚJO: O HOMEM MAIS VELHO DO MUNDO



## JONAS SAMAÚMA



## Ficha Técnica:

Autoria: Jonas Samaúma  
Curadoria: Museu da Pessoa  
Xilogravura: Artur Soar  
Designer da Logo: Mariana Afonso  
Diagramação: Cordelaria Castro  
Impressão: Gráfica e Editora Cinelândia  
Revisão e Consultoria:  
José Santos e Marco Haurélio

Realização:



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



MUSEU DA  
PESSOA

**Jonas Samaúma** é contador de histórias, rezador, educador ambiental e escreve livros desde criança, tendo publicado 6 livros e 2 cordéis: "Ganesha" e "Lula Livre - O Dia Em Que Chico César Libertou o Brasil". Aprendeu a arte de cordelizar na íntima convivência com seu pai José Santos e no período que morou com o mestre do cordel Manoel Inácio do Nascimento no Ciclovida, sertão do Ceará. É criador do *Poetarot* e *Contarot de Histórias* e um dos criadores do Programa Vidas Indígenas no Museu da Pessoa. Para conhecer o trabalho do autor siga o instagram @jonasamauma ou escreva para o email: jonas.samauma@gmail.com

**Artur Soar** é baiano nascido em Salvador, descendente direto de gravadores de pedra da Chapada Diamantina. É amante da cultura popular e além de gravador é músico, compositor, capoeira e poeta. Conheceu a arte vendo seu pai entalhando pedras ardósia, e suas aventuras com a gravura começaram nos primeiros anos em que viveu em Lençóis-BA. Integrou diversas exposições coletivas na Bahia e teve sua primeira exposição individual internacional em Brighton-UK (2019). Participou e ganhou prêmios pelo Brasil, como o prêmio IBEMA de Gravura em Curitiba-PR (2015); exposição de 30 anos do Museu Casa da Xilogravura - Campos do Jordão-SP (2017) e o concurso de Artes Plásticas do Goethe Institut - Porto Alegre-RS (2019). O reconhecimento nacional do seu trabalho rendeu a indicação para ser professor de Xilogravura do maior e mais célebre atelier gráfico da Bahia: oficina do Museu de Arte Moderna da Bahia.

Depois conseguiu madeira  
Pra fazer o seu barraco  
E sair desse buraco  
E com força verdadeira.  
Sua casa foi a primeira  
Que inaugurou a favela  
E, morando dentro dela,  
Na idade de cento e vinte,  
Virou mendigo, pedinte  
Andando pela viela.

Foi pedir xepa na feira,  
Colecionou cicatriz,  
Mesmo assim era feliz  
Vivendo dessa maneira;  
No barraco de madeira,  
Que ergueu com próprio muque  
Sendo honesto, sem um truque,  
E com o olhar profundo,  
Homem mais velho do mundo  
Podia entrar no **Guinness Book**.

## GERMANO ARAÚJO: O HOMEM MAIS VELHO DO MUNDO



Venho aqui pedir licença  
Pra narrar mais essa vida  
De pessoa bem vivida  
De forma muito intensa,  
Marcou no mundo presença,  
Sendo raro e velho humano;  
Conto causos do Germano  
Que levou vida incomum.  
Tinha cento e vinte um  
E nem morreu naquele ano.

O nosso senhor Germano  
Misturou sangue na veia:  
Sua mãe era da aldeia  
E seu pai foi africano,  
Que, de modo desumano,  
Pra cá ele foi trazido,  
Veio para ser vendido  
E usado como um escravo,  
Mas o seu pai era bravo  
E não se deu por vencido.

E ligeiro, observando  
Português contar dinheiro,  
Pega a trama pelo cheiro:  
Estavam negociando  
A venda pra algum bando.  
Esperou vir o vacilo:  
Ao cáirem num cochilo  
Se escondeu foi numa moita  
Por sorte ninguém o açoita  
E ali, aguarda tranquilo.

04

As décadas se passaram  
Pra São Paulo ele migrou.  
Trabalho lhe motivou  
Veja só, lhe recusaram;  
“Tu tá velho”, lhe falaram.  
“91 anos de idade?”  
O prefeito da cidade  
Não fez mais que se chocar.  
Dinheirinho foi lhe dar,  
Ainda achou que foi bondade.

Germano quer é trabalho,  
Mas na terra do edifício,  
Lhe disseram: “É difícil,  
Sua idade é espantallo,  
Nem se der o maior malho  
Vai conseguir trabalhar  
Emprego pra ti não há.”  
Se esforçou desde garoto  
Foi então morar no esgoto  
Via sua casa inundar.

13

Assim que fez 14 anos  
Fugiu para Pernambuco,  
Que o patrão era maluco;  
Conheceu pernambucanos  
E assim fez os seus planos  
Com essa nova amizade.  
Da roça foi pra cidade  
E a cavalo, sem bagagem,  
Com dois meses de viagem,  
Vencendo a adversidade.

Também foi nessa idade  
Se casou a primeira vez;  
Não seria três nem seis,  
Mas uma diversidade.  
Treze vezes, de verdade!  
E com treze casamentos,  
Com causos e sentimentos,  
Atravessou empecilhos  
São sessenta e oito filhos  
Com provas e documentos.

12

Quando os homens acordaram,  
Perceberam sua ausência,  
Foi devida a displicência  
Da hora em que cochilaram  
E tão logo eles pensaram  
Que ele desapareceu:  
"Você viu? Então nem eu!"  
E fugiram da resposta:  
"Quem o levou foi a onça...  
Foi a onça quem comeu!"

Quando eles foram embora,  
O menino deu no pé,  
Carregou somente a fé  
Que é essa que revigora.  
Caminhando mundo afora,  
Solitário ele seguia,  
la andando noite e dia,  
Trabalhava na parada.  
Mas voltava à caminhada  
Até chegar na Bahia.

05

Ele parou numa aldeia  
Depois da jornada a pé.  
Lá desposou a "muié"  
Que parecia sereia;  
Sem medo de cara feia,  
Era uma grande guerreira,  
Além de exímia parteira.  
Cruzados pelo destino,  
Aí nasceu um menino  
Pra andar na capoeira.

No fim de mil oitocentos  
Nasceu Germano Araújo,  
Que da vida foi marujo  
E plantou seus alimentos,  
Da roça os conhecimentos  
Fariam dele “doutô”.  
Nunca se alfabetizou,  
Pois cresceu num cativeiro,  
Mas depois grande vaqueiro  
O menino se tornou.

06

Plantava para o patrão,  
Sonhava com roça sua;  
Baixou o sol, veio a lua,  
Pôs o seu plano em ação,  
E as sementes de feijão  
Germano furtou escondido,  
Pôs na terra decidido,  
Logo se surpreendeu:  
Chuva forte ali bateu  
E o feijão tinha nascido.

Mas o patrão descobriu  
Queria dar-lhe uma surra,  
Porém alguém lhe sussurra  
"Surra? Onde já se viu!"  
O menino lhe serviu  
Olha seu novo roçado!  
Patrão ficou animado  
E até lhe premiou  
Da roça que se apossou  
E o feijão que foi lucrado.

11

Entre aspas, outro "azar"  
Foi o tal do seu padrinho:  
Espancava sem carinho  
Até o menino gritar  
Nunca que quis batizar  
Filha ou filho de ninguém,  
A isso ele não convém,  
Pois ardia como a brasa  
Porradas vinda da casa  
Do padrinho que ele tem.

Germano, quando ele via  
Patrão no sono, no ronco,  
E tinha escravo no tronco  
Pendurado todo dia;  
Ele, escondido, ia,  
Desamarrava na hora  
E o negro dava o fora,  
Fugia do patronato,  
Correndo dentro do mato,  
Se entranhando na flora.

10

Do povo da sua mãe  
Que era indígena de fato,  
Herdou apurado olfato,  
Pode ser alguém estranhe...  
Pra que cobra não lhe apanhe,  
Sabia era pelo cheiro;  
Jararaca no roceiro?  
Cascavel atrás de tu?  
Em pé a Surucucu?  
O seu faro era ligeiro

Vó foi com cento e quarenta,  
Mãe morreu com cento e vinte.  
Sua infância é o seguinte:  
Com a mão na ferramenta,  
Que o roçado ele sustenta,  
Além de tanger o gado  
Pra Minas era enviado.  
Muitas vezes ele foi  
E tocando sempre o boi,  
Atravessando o estado.

07

Também teve encantaria  
Que ele aprendeu com a avó,  
Pro bicho não lhe dar nó  
Com oração que fazia;  
O animal lhe obedecia,  
Montava em burro sem sela,  
Sua palavra era bela,  
Com força de benzedeiro,  
O boi lhe ouvia ligeiro  
Como um pintor olha a tela.

Plantava a boa roça  
Além de tanger o gado,  
Tinha patrão desgraçado  
Que apenas o saco coça,  
Também era casca grossa,  
Em propostas imorais  
E com desejos fatais  
Lhe pediam pra matar  
Por dinheiro assassinar,  
Porém isso ele não faz.

08

Germano, através da fala,  
É denúncia do racismo  
Que até hoje é um abismo  
E muita gente se cala.  
E os donos da senzala,  
Gente má, gente ruim,  
Sugavam até o fim  
O seu trabalho e conquista  
Mas esse ponto de vista  
Ainda hoje é assim.

Criou ciência, o branco,  
Pro sangue ficar mais “forte”;  
Seu pai teve essa má sorte,  
Foi cobaia num barranco.  
Como aguentava o tranco,  
Virou um reprodutor  
Na fazenda do sinhô,  
Emprenhava as sinhás  
E não dá nem pra contar  
Os filhos que ele gerou.

09